

Boletim

A revista do Sistema

INFORMATIVO



Mala Direta
Postal

9912271704-DR/PR

SENAR

CORREIOS

SISTEMA FAEP



Ano XXVI | nº 1185

30 de julho a 5 de agosto de 2012

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares

Antonina

O porto da esperança



Lineu Filho

Zé Eduardo, bicho do Paraná

- 2 Cidades**
Antonina
-
- 8 História**
José Eduardo A. Vieira
-
- 11 Balanço**
O VBP do Paraná
-
- 12 Entrevista**
A qualidade dos frangos
-
- 16 Opinião**
O novo celeiro do mundo
-
- 18 SENAR-PR**
Arsenal de conhecimentos
-
- 22 Transportes**
A Lei do Caminhoneiro
-
- 25 ABC**
R\$ 1,5 bilhão
-
- 26 Via Rápida**
Emagrecer, Celulares,
Vida Dura, Vegetar, Girafa,
Tsunami e Médicos
-
- 28 Cursos**
PDS, Posse, Gestão Rural,
Inclusão Digital, Mulher Atual,
Cana, Grãos
-
- 30 Eventos**
Sabores e Leite
-
- 31 Notas**

Antonina:

A esperança da cidade no seu porto e no turismo

Por Angelo Binder • Fotos: Lineu Filho



Quando um navio atraca, a cidade de Antonina renasce. Assim vem sendo nos últimos 40 anos. Considerado o quarto porto em importância no país no início do século passado, hoje, a atividade portuária da histórica cidade paranaense resiste graças à importação de fertilizantes e exportação de açúcar no terminal privado da Ponta do Félix - que opera com características de Porto Organizado. A região é uma área pública arrendada por 20 anos desde 1996. No ano passado, o porto registrou uma média de dez navios por mês, movimentação recorde desde 2007. Contudo, poderia ser ainda melhor. “O que precisamos aqui é de uma

Navegar é preciso



estrada que ligue a região portuária à BR-277(veja o infográfico). Isso reduziria o trajeto dos caminhões em cerca de 30 km”, diz Marcel Fernandes, secretário executivo da Autoridade Portuária. Além da distância, a atual estrada (PR-410), obriga os caminhoneiros a passarem por dentro de trechos urbanos de Morretes e de Antonina, o que atrapalha o trabalho de quem vive do transporte de cargas e os moradores da região. A reportagem teve acesso a estrada citada por Fernandes. Situada no km 18 da BR-277, sentido Paranaguá-Curitiba, o traçado ainda não dá condições de caminhões



Açúcar é levado da Ponta do Félix a África do Sul



Acima: Fertilizantes chegam da China pelo terminal de Antonina.

Ao centro: Mapa mostra em vermelho estrada projetada de ligação do Porto a BR-277.

Abaixo: Traçado de parte da estrada já existe, mas ainda não permite tráfego de caminhões



trafegarem, contudo parte do caminho já está lá. Segundo a Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa), soluções de preservação do meio ambiente precisam ser estudadas com cautela antes da construção de uma rodovia de 14 km de extensão. Um das alternativas seria a adaptação da estrada em elevados para não comprometer Áreas de Preservação Ambiental. “Poderíamos desafogar e diminuir as filas no Porto de Paranaguá com essa estrada de acesso”, confia Fernandes.

Apenas a movimentação da Ponta do Félix já garante dois benefícios diretos para a agricultura. Tanto para exportação como para a importação, o tempo médio para a carga e descarga em Paranaguá, que era de 20 dias, caiu para 12 com a maior atividade do terminal antoninense. Fora isso, a multa por atraso no embarque ou desembarque foi reduzida. Uma economia de cerca de US\$ 10 milhões em um ano, segundo levantamento da Appa.

Segundo a Appa o Porto de Antonina movimentou 1,15 milhão de toneladas de mercadorias desde a retomada das operações.



Bons tempos

Moradores mais antigos da região garantem que Antonina já respirou cultura nas décadas de 20, 30 e 40. “Estrelas da época de ouro do rádio e do teatro, como Carmen Miranda e Procópio Ferreira, visitavam a cidade na parada durante a viagem do Rio de Janeiro a Buenos Aires”, afirma Adléa Padilha Netto Sena Maia, coordenadora do Teatro Municipal, hoje principal palco do Festival de Antonina, evento cultural organizado anualmente pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Criado na simbiose de porto com cultura, aos 25 anos de idade, o secretário executivo da Autoridade Portuária realiza exposições de quadros e pinturas. Marcel Fernandes é um dos mobilizadores locais do festival da UFPR. “Eu vivo isso há 10 anos. Aqui em Antonina sempre estou envolvido com artes. Acho que para muita gente daqui é a mesma coisa”, afirma.

Produção cultural que teve o seu apogeu muito antes do nascimento de Fernandes, nos tempos áureos dos ciclos da erva-mate e do trigo. Tudo começou mais precisamen-

“

Podemos escoar as safras de milho, soja e principalmente melhorias na dragagem. Quero resgatar tudo isso.

Fernando Matarazzo,
um dos herdeiros do complexo.

”

te em uma propriedade particular. O Porto Matarazzo funcionava a todo o vapor. Um complexo industrial considerado o mais moderno do país na época. Além do escoamento da produção, a farinha de trigo era produzida ali mesmo por mais de 3.000 funcionários. Colégio para as crianças, escola de samba para os foliões no carnaval, time de futebol, geração de energia elétrica, fornecimento de água e estrada de ferro, tudo isso estava ao alcance dos moradores. “Era uma cidade dentro da cidade de Antonina”, afirma Fernando Matarazzo, um dos herdeiros do complexo.

Ele revela projetos audaciosos para reativar o porto da família, dona de indústrias de norte a sul do Brasil no Século XX. A começar pela única estrada de ferro particular brasileira, desativada nos anos 70. A América Latina Logística (ALL) já tem a liberação dos herdeiros para utilizar a concessão ferroviária. Pelo projeto, uma ciclovia correria ao lado da linha férrea.

Para ampliar a dragagem da área portuária, por licitação, a Appa contratou em abril a empresa DTA Engenharia para o serviço, que vai custar cerca de R\$ 37 milhões e tem duração prevista de seis meses.

Por enquanto, todos esses planos de reativação do complexo fundado por Emílio Matarazzo estão travados. O motivo é uma briga judicial com a mãe, Eneida Matarazzo, que impede Fernando de acessar às instalações do complexo desde 2005. Na casa vizinha de muro ao antigo armazém abandonado, ele vive sozinho próximo ao local que serviu nos últimos anos de depósito de carros antigos, outro investimento da família.

Horizonte

“A possibilidade de que fornecedores da indústria petrolífera se instalem em Antonina é outra razão do clima de expectativa para a cidade de 19 mil habitantes”, diz Paulo Scalco, diretor do Porto de Antonina.

De fato, a italiana Techint ganhou a cessão para usar o terminal público Barão de Teffé, em uma área de 100 mil metros quadrados.

De acordo com a Appa, além da Techint, empresas como a Brafer, especializada em construções metálicas, com sede em Araucária e a Vetor Tecnologia, empresa de Curitiba especializada em equipamentos para armazenagem de combustíveis, também revelaram a intenção de se instalar em Antonina para construir equipamentos para a exploração do pré-sal.

No entanto, para entrar em funcionamento ainda faltam outras liberações, como o aval da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq).

Isso alteraria o panorama do mercado de trabalho. Atualmente o funcionalismo público gera o maior número de empregos de Antonina – são cerca de 800 funcionários. A Appa, que chegou até ter 120 colaboradores, hoje tem apenas 12. Um deles é Herbert Miguel Tavares que acompanhou de perto todo o processo de evolução e crise do porto. Ele confia na recuperação do status daquele que um dia foi o quarto do país – atrás apenas dos portos do Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande. “Antonina está na rota de Paranaguá”. Diz com conhecimento de causa de quem trabalha há mais de 30 anos na Appa.

Farmácia, banana e carnaval

Se um turista se dispuser hoje a fazer o mesmo percurso que os caminhões se obrigam a fazer para chegar ao terminal Ponta do Félix, ele certamente observará a praça central de Antonina, hotéis e a Rua XV de Novembro. Lá está a Farmácia Internacional. Inaugurada em 1911 era “um completo sortimento de drogas, productos chimicos e pharmaceuticos ou preparados nacionaes e estrangeiros” (s.i.c).

O anúncio publicado há 101 anos comprova que ela é uma das mais antigas em funcionamento no Estado. O local, que ain-



O estilo Barroco predomina em Antonina

“
É um patrimônio histórico da cidade. Vem gente de todas as partes do País para conhecê-la.

André Luiz Picanço Carraro, farmacêutico.



da mantém as características das antigas drogarias do início do Século XX, guarda cerca de três mil objetos, como frascos, equipamentos e medicamentos antigos, além de mobiliário original. Tudo isso aos olhos dos clientes e mantido pelo farmacêutico André Luiz Picanço Carraro, que herdou a farmácia do pai adquirida na década de 40. “É um patrimônio histórico da cidade. Vem gente de todas as partes do País para conhecê-la”, garante Carraro, lembrando que o espaço une o passado ao presente.



O centro de Paraty, no litoral Fluminense



Outro atrativo da cidade é culinário. Próximo ao portal de entrada da cidade localiza-se a fábrica de Balas de Banana Antonina. São mais de 10 mil quilos de balas produzidos por mês. Toda banana adquirida provém de pequenos produtores de Guaraqueçaba e também de Antonina. Não dá para esquecer do carnaval de rua de Antonina, considerado um dos melhores do Estado. As escolas de samba preparam as alegorias e adereços oito meses antes da grande festa popular que acontece em fe-

vereiro. Nada mal para uma cidade que ostenta quatro hinos. Fato que já virou tema de filme produzido por lá.

A Paraty paranaense?

O estilo barroco das construções, ruas estreitas de paralelepípedos e aspectos culturais fazem de Antonina a Paraty paranaense. Mas as semelhanças, que poderiam ser ainda maiores, param por aí. A cidade, localizada no litoral fluminense, é visitada por turistas do mundo inteiro, atraídos pela beleza da arquitetura típica do Brasil Colônia. Casas históricas foram requalificadas como pousadas, restaurantes, lojas de artesanato e museus, em meio a apresentações de músicos populares e de estátuas vivas. “Antonina é uma cidade lúdica, que tem a vocação para o turismo. Só que faltam investimentos para isso aflorar”, acredita Adléa, a coordenadora do Theatro Municipal. Segundo ela, essas similaridades entre as cidades litorâneas não é por acaso. “As pessoas vinham do Rio de Janeiro para o Paraná e traziam as novidades na capital federal da época”.

Proprietário de uma livraria na região central da cidade, o presidente da Associação Comercial de Antonina, Paulo Pacholek, aponta que o turismo na cidade é pouco explorado, especialmente pela falta de estrutura para manter visitantes dentro da cidade por mais tempo. “O turista só passa pela cidade, ele não fica. São poucas opções de hotéis, comércio e restaurante”, explica. Pacholek reconhece as semelhanças entre as cidades. O comerciante acredita que Antonina só terá o turismo aquecido, como a movimentação de mais de 20 mil pessoas na famosa Feira Literária de Paraty, com apoio governamental. “Não adianta tombar o centro histórico se não houver apoio”, argumenta, lembrando que além da proximidade com o Rio de Janeiro, Paraty conta com boa estrutura e opções para receber turistas.

“

Antonina é uma cidade lúdica, que tem a vocação para o turismo. Só que faltam investimentos para isso aflorar.

Adléa Padilha Netto Sena Maia,
coordenadora do
Theatro Municipal.

”



Milton Dória

Bicho do Paraná

Zé Eduardo tirou das gavetas o SENAR e hoje o utiliza em sua fazenda

Não sou gato de Ipanema / sou bicho do Paraná. Os versos se tornaram famosos numa das campanhas feitas pelo Bamerindus enaltecendo a gente paranaense, num casamento perfeito com o “Banco da Nossa Terra”, como se autodenominava. Com uma incrível criatividade em sua comunicação, deixou outras lembranças ainda latentes como “o tempo passa, o tempo voa e a poupança Bamerindus continua numa boa”.

O Bamerindus emergiu em 1971 substituindo o Banco Mercantil e Industrial do Paraná e foi inicialmente comandado por Thomaz Edison e Claudio Vieira, que faleceram num acidente aéreo em 1981, em Pirai do Sul. Assim, o conglomerado financeiro caiu nas mãos de José Eduardo Andrade

Vieira, o mais moço dos filhos do fundador Avelino Vieira.

O banco da nossa terra transbordou seus negócios e tornou-se um dos três maiores bancos do país, com “Zé Eduardo”, como ficou conhecido inicialmente, à frente. As agências se multiplicaram pelo interior do Paraná e pelas regiões em que a agropecuária desbrava na fronteira oeste do país.

Visionário, ele vislumbrou nas eleições de 1989 – as primeiras diretas à Presidente da República depois do período militar – o caminho da política. Com um chapéu panamá candidatou-se ao Senado e sua campanha na TV passou a explorar seus planos para a agricultura sob o codinome “Zé do Chapéu”. Foi eleito, mas a política, se por

um lado lhe trouxe dissabores e mágoas ainda não esquecidas, por outro permitiu que ele prestasse grandes serviços ao Paraná.

E surge o SENAR

A pedido do ex-presidente da FAEP, Paulo Carneio Ribeiro, ele desengavetou um projeto que criava o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). O projeto estava lá, no Senado, engavetado há mais de cinco anos, e tinha a oposição do Albano Franco, que era da CNI (Confederação Nacional da Indústria). Em nossa primeira conversa ele negou. Na época, a criação do SENAR representava tirar 27% do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) que ia para o SENAI e o SENAC, lembra Zé Eduardo.

A amizade dos Vieira banqueiros com os Franco industriais desde os tempos da fundação do Bamerindus, pesaram nas conversas. E um belo dia Zé Eduardo foi surpreendido com a publicação, no Diário Oficial, da criação do SENAR.

A Lei 8.319, de 23 de dezembro de 1991, criando o SENAR, foi assinada pelo então presidente da República Fernando Collor de Mello e pelos ministros Antônio Cabrera (Agricultura) e Antônio Magri (Trabalho).

Vieira, assim, trocava o “Zé do Chapéu” pelo “Zé do Boné”, do SENAR.

Foi ministro da Indústria e Comércio de Itamar Franco e da Agricultura de Fernando Henrique Cardoso. Orgulha-se por ter conseguido organizar a Associação dos Países Produtores de Café (APPC) para contrapor à associação dos países consumidores de café, que determinam os preços do commodity. “Foi um fato inédito, conseguimos reunir 40 países produtores de café em tempo recorde”, diz.

Volta às origens

Desencantado com o que ocorreu com seu banco, tornou-se dono da “Folha de Londrina” que hoje tem duas de suas filhas no comando. E retornou às suas origens



Arquivo

Primeira reunião do Conselho do SENAR-PR (1993)

CONTRA OS JUROS

Ao jornal “Valor Econômico” Zé Eduardo afirmou que não era bem visto pelas áreas financeiras dos governos desde os anos 1980. “Em 1983 tive um congresso de bancos em Salvador. Critiquei os juros e a incompetência do governo em reduzi-los. Fui ovacionado, mas seu Ernane Galvêas, que era ministro da Fazenda, ficou bravo comigo”, lembra. Andrade Vieira ressalta que “juro alto é bom para os bancos, mas não para o país”, diz que jornalista tem “preconceito contra banqueiro” e garante ter sido “um banqueiro diferente”. “Era patriota. É óbvio que em qualquer empresa o objetivo é lucro, mas razoável, não absurdo”.

Guarda mágoas do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso por não ter impedido a série de boatos, segundo ele, nascidos no Banco Central, e que causaram a intervenção no Bamerindus e em seguida sua incorporação pelo HSBC.

Zé Eduardo, ou Zé do Chapéu ou do boné do SENAR-PR mantém na sala da sede da fazenda uma Bíblia aberta no salmo 91: “Mil cairão ao teu lado, dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido”.

A pedido do ex-presidente da FAEP, Paulo Carneio Ribeiro, ele desengavetou um projeto que criava o SENAR. O projeto estava lá, no Senado, engavetado há mais de cinco anos.

e sua vocação natural, a agropecuária. Na fazenda Capela, em Joaquim Távora (343 Km de Curitiba), no norte pioneiro, o ex-banqueiro, ex-senador e ex-ministro voltou a fazer o que mais gosta.

“Desde criança eu sempre gostei da agricultura. Aqui na fazenda estou retomando minhas origens”, afirma. A propriedade não chega a ser uma fazenda-modelo como a que o Bamerindus teve no oeste do Paraná, a Mitacoré, que foi junto com a intervenção no banco e depois invadida pelo MST. “Essa fazenda aqui era da família, foi sempre mais para lazer, agora que estamos investindo em produtividade”, diz.

Aos 73 anos, nasceu em Tomazina em 30 de dezembro de 1938, e mesmo com a saúde debilitada – tem diabetes e sofre sequelas de um AVC (Acidente Vascular Cerebral), Vieira faz planos na sua atividade pecuária.

Com 115 vacas em lactação (holandesas) e uma produção média de 22 litros de leite por vaca, quer chegar a 180 vacas em lactação com uma média de produção de 30 litros diários. “Não fosse a legislação trabalhista, que é madrasta, a pecuária leiteira seria uma ótima atividade”, afirma.

Outra meta é a produção de novilhos precoces entre 17 e 18 arrobas aos dois anos. Vieira, no entanto, não dá números sobre a produção de soja e milho, no verão, e das culturas de inverno. “Não gosto de falar sobre isso, existe muita inveja, deixa para lá”, desconversa. São 2,6 mil hectares, sendo 600 para grãos e o restante para a pecuária.

E de responsável pela criação do SENAR, Vieira é hoje um dos seus beneficiários. No dia em que a reportagem esteve na fazenda Capela, um curso de Casqueamento de Gado Leiteiro estava em andamento. Entre os participantes do curso, 11 eram funcionários de Vieira.

“O SENAR é um grande benefício para o agricultor, qualifica onde precisa qualificar, eu sempre vou abrir as portei-
ras da



Arquivo



Lineu Filho

O SENAR-PR 1993/2012

Às vésperas de completar duas décadas de existência o SENAR-PR tem justos motivos para se orgulhar do trabalho realizado neste período. Houve resistência e pessimismo a superar quando o trabalho pioneiro começou a atrair os produtores rurais. Não havia nem tradição nem cultura sobre a qualificação profissional no campo. Esses obstáculos foram superados e, junto com novas sementes, novas técnicas, o SENAR-PR ajudou a mudar o cenário da agropecuária paranaense, cujo sinônimo pode ser verificado pelo aumento da produtividade e não da área cultivada.

Entre 1993 e julho de 2012 foram realizados 116.659 cursos, trabalhadas 2.800.302 horas e distribuídos 2.281.151 certificados aos participantes.

fazenda para os cursos”, diz Vieira. E, gentil, aceita deixar de lado o habitual chapéu para colocar na cabeça um boné do SENAR PR para fotos junto aos alunos do curso.

Safra 2011 rendeu **R\$ 50,4 bi**

Soja foi a locomotiva do VBP paranaense

O Valor Bruto da Produção (VBP) agrícola paranaense, que expressa o faturamento do setor, atingiu R\$ 50,4 bilhões na safra 2011. O resultado superou as expectativas e ultrapassou o recorde obtido em 2008, de R\$ 47,59 bilhões. A produtividade das lavouras de soja e milho e a produção de frango de corte foram os fatores que mais colaboraram para o resultado final, que corresponde a aumento de 4,7% sobre o ano anterior.

O levantamento final foi divulgado pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab). Para o secretário da Agricultura, Norberto Ortigara, o recorde histórico do VBP 2011 reflete a combinação de bons preços pagos pelo mercado à maior parte dos produtores com a busca contínua pelo aumento da produtividade.

A versão preliminar do VBP, calculado pelo Departamento de Economia Rural (Deral), já foi repassada aos municípios. O resultado do VBP de 2011 será utilizado pela Secretaria da Fazenda para compor a cesta de índices que forma o Fundo de Participação dos Municípios (FPM), influenciando a distribuição do FPM de 2012. Segundo Ortigara, nas últimas duas décadas o produtor paranaense está conquistando ganhos de produtividade, refletindo o elevado grau de profissionalismo com que é conduzida a atividade agrícola em todo o Estado. “Percebendo os bons resultados, o produtor vem se aplicando cada vez mais em tecnologia e capacitação”, afirmou.

Soja lidera

A agricultura lidera a participação no VBP, com 52% de contribuição no faturamento bruto da produção, capitaneada pelo avanço da produção e renda da soja. A participação da pecuária no VBP ficou em torno de 42% e a da produção florestal, em quase 7%. “Todos os setores que compõem a agropecuária paranaense tiveram aumentos no Valor Bruto da Produção”, disse o diretor do Deral,



Toledo, Castro e Cascavel são os três municípios que lideram o ranking do VBP agrícola paranaense.

Francisco Simioni. Mas o produto que mais contribuiu com a renda da safra 10/11 foi a soja, que proporcionou faturamento bruto aos produtores paranaenses de R\$ 10,9 bilhões, apontou. “Esse valor é resultado do aumento de 9% na produção de soja e dos preços praticados na safra de 2011, que elevaram o VBP da cultura em 30% em relação à safra anterior”, justificou.

Com um faturamento bruto de R\$ 1,2 bilhão, no qual se destaca a produção de suínos (que gerou uma renda de R\$ 292,5 milhões), frango de corte (R\$ 190 milhões) e soja (R\$ 156,9 milhões), Toledo foi o campeão da renda bruta. Castro atingiu faturamento bruto de R\$ 956,1 milhões, com destaque para a produção de soja, leite e frango de corte que proporcionaram rendas de R\$ 198,6 milhões; R\$ 171,6 milhões e R\$ 104,4 milhões, respectivamente. Cascavel foi o terceiro município que mais contribuiu com o VBP paranaense de 2011, com um faturamento bruto de R\$ 853,5 milhões, obtido com a produção de soja, frangos de corte e pintinhos de corte.



Ponto final sobre os m

Com mais de 160 estudos sobre nutrição, cientista explica a qualidade das aves brasileiras

Uma coisa em moda, ultimamente, é reclamar contra a produção de alimentos em larga escala. Como se isso fosse um problema e de alguma forma prejudicasse a qualidade do produto final. Por exemplo, quem já não ouviu falar que o frango de granja não tem o mesmo valor nutritivo de um caipira, criado no fundo do quintal, à base de minhoca e milho? Ou que a carne da ave é cheia de hormônios e antibióticos? Que o frango caipira é mais saudável ao de granja?

Em entrevista ao programa Roda Viva, na TV Cultura, no último dia 9 de julho, o doutor, pós-doutor, zootecnista e professor da Universidade Federal de Lavras (MG), Antônio Gilberto Bertechini, autor de mais de 160 estudos sobre nutrição animal, faz um raio-x sobre a produção de alimentos, especialmente a de frangos. Também deu entrevista ao programa “Campo&Cia”, da FAEP (campoecia.com.br/). Confira os principais trechos da entrevista.

Hoje o brasileiro come melhor? Está se protegendo das doenças?

Nós podemos dizer que o povo brasileiro vem se alimentando muito bem nos últimos 20 anos e de forma um pouco mais regrada em algumas áreas, mas desregradas em outras. Só para se ter uma ideia, há 20 anos o brasileiro consumia de 15 a 16 quilos de frango por ano. Hoje, ele está consumindo 47 quilos ao ano. O que resultou nesse aumento foi o maior poder aquisitivo da população, a mudança nos tipos de alimentos e da qualidade

dos produtos oferecidos no mercado. As nossas carnes são rastreadas, produzidas com alta tecnologia, de altíssima qualidade nutricional. Vemos como um todo uma redução da mortalidade e um aumento da longevidade do brasileiro.

O que mudou no frango nos últimos anos?

O frango de 20 anos atrás é diferente um pouco porque através do melhoramento genético que nós fizemos durante esses anos aumentamos o peito do frango. Antes da mutação genética, a ave continha cerca de 700 gramas de peito, uma quantia bem inferior aos 1,2 quilos atuais. Uma carne nobre, de melhor preparo, de fibras curtas, brancas e a textura ficou mais suculenta. Em termos de composição nutricional, não mudou e a gente consegue selecionar os produtos. Por exemplo, nós conseguimos colocar mais selênio no peito do frango, ácidos graxos ômega 3 através da nutrição.

Em 1910, uma galinha colocava 180 ovos por ano. Hoje ela põe 300 ovos. A galinha caipira que se alimentava no quintal era muito mais nutritiva do que esse frango industrializado que a gente come hoje. Isso não gera uma perda de nutrição?

O que ocorre são alterações na composição dos tecidos. O peito da galinha tinha células mais oxidativas. Se você tem um frango caipira, por exemplo, o peito dele é mais avermelhado porque ele tem células com mioglobinas. Já o frango moderno tem menos. A composição em termos de



itos do frango



Arquivo

Professor Antônio Gilberto Bertechini

aminoácidos do tecido não muda porque usou o frango do passado para o melhoramento genético e parte nutricional fez com que ele crescesse rápido. O caipira era criado de forma muito lenta no campo, catava um grãozinho aqui, uma minhochinha lá, para completar a nutrição. Hoje, nós colocamos tudo que ele precisa na ração e isso significa rendimento e crescimento rápido. É a evolução dos conhecimentos dessa ave. Há muito tempo há estudos sobre isso, a gente conhece e sabe de todos os nutrientes que ele precisa para um bom rendimento da carcaça.

Abatemos um frango industrial entre 36 e 40 dias, já o caipira com quatro meses. Tem fundamento esta história do hormô-

nio na carne de frango?

Esse é o mito da ignorância. Não existe hormônio em carne de frango e não se usa o hormônio. E não é porque a avicultura é boazinha não, porque se funcionasse as indústrias usariam para acelerar mais o crescimento da ave. Mas não usam porque não funciona. Veja bem, o hormônio para o crescimento do frango tem uma configuração semelhante à insulina, é uma proteína e teria que ser aplicada praticamente todo dia. Nós alojamos no Brasil 545 milhões de pintinhos todo mês. Já pensou em aplicar hormônio de crescimento nesse total de aves todos os dias? É impossível. Qual outro tipo de hormônio poderia ser usado? Os hormônios semelhantes à testosterona, mas não funcionam no frango porque ele é abatido muito jovem. E se você usar estrógeno, a ave não tem receptores e não dá resposta. O frango cresce porque conhecemos muito bem a sua nutrição.

Mito ou verdade: o excesso de agrotóxicos que os frangos consomem podem transformá-los em um alimento cancerígeno?

Esse é outro mito que consideramos o da ignorância, porque a qualidade de carne de frango brasileira é a melhor do mundo, pois se utiliza toda a rastreabilidade da produção. O câncer é multifatorial, o que significa que não é causado por um tipo de carne consumida. O animal é produzido basicamente com milho e farelo de soja. Todo esse desempenho da produção do frango moderno no Bra-

Não existe hormônio em carne de frango e não se usa o hormônio. E não é porque a avicultura é boazinha não, porque se funcionasse as indústrias usariam para acelerar mais o crescimento da ave.

A única diferença entre o frango orgânico e o industrial é o preço. Se o consumidor prefere pagar mais caro porque acha que está consumindo um produto diferente, não é verdade!

sil é fruto de trabalho de melhoramento genético, conhecimentos nutricionais, de manejo e controle de doenças da ave. Com isso, nós temos um frango com uma qualidade de carne muito boa. Lembrando que nós somos o maior exportador no mundo e os mercados internacionais são extremamente exigentes. E somos o país mais rígido para produzir o frango.

Qual a diferença entre o frango orgânico e o industrial? Por exemplo, o segundo chega a ser até três vezes mais barato que o primeiro. Aliás, podemos sentir a diferença de sabor entre as duas carnes, afinal, qual deles é mais saudável?

A história do frango orgânico surgiu de um nicho para produzir uma ave diferente, sem o uso de aminoácidos, com baixos níveis de energia de ração, então ele cresce de uma forma mais lenta. E se cresce dessa maneira, ocorre uma modificação na textura do peito, da coxa. Do ponto de vista de qualidade, não muda em relação ao frango industrial. Para quem quer produzir um frango orgânico tem que seguir uma legislação, normas e basicamente o nosso frango industrial é orgânico produzido a base de vegetais. Então, existe um certo misticismo a respeito disso. A única diferença é o preço. Se o consumidor prefere pagar mais caro porque acha que está consumindo um produto diferente, não é verdade! É só um mito que está na cabeça da pessoa. Existe uma diferença entre o frango industrial na composição das gorduras, mas de maneira geral é muito pequena porque a ave forma os tecidos, pega

todo o carboidrato da dieta e o transforma em gordura saturada. E a ave tem uma característica de produzir e armazenar gordura saturada. Quando você vai criar o frango orgânico pode colocar no máximo oito frangos por metro quadrado, já o na criação industrial são 16 até 18 aves para esse espaço. Na produção de orgânico, por exemplo, você não pode alimentá-lo com grãos transgênicos. Não existem estudos com avaliações médicas a respeito do uso de milho transgênico em relação a problemas com a saúde humana. Talvez no futuro possamos ter pesquisas que possam elucidar isso, mas agora não há. Além disso, o frango orgânico é produzido em condições mais tranquilas e altera a configuração da carcaça.

Em relação à alimentação orgânica por que surgem estes mitos? Por que surge essa ignorância?

Isso acontece pela falta de conhecimento, mas também pela ansiedade de determinados segmentos que querem alimentos mais saudáveis. Há muita informação divulgada na internet por pessoas que desconhecem o assunto. A partir do momento que elas tiverem conhecimento de como o alimento é produzido e porque se usa determinadas substâncias com a finalidade de melhorar o produto, os mitos deixarão de existir. Dessa forma, as pessoas poderão consumir carnes e ovos felizes, sem peso na consciência. Se deixarem de ingerir determinados alimentos vão ter problemas de saúde pela ausência de nutrientes.



Mas e o uso de antibióticos na ração dos animais não prejudica nossa saúde?

Nós usamos antibiótico na ração industrial, mas em quantidades pequenas, uma média de 25 gramas por tonelada de ração. São antibióticos que têm ação somente ao nível de tubo digestivo, ou seja, não são absorvidos e melhora a qualidade intestinal da ave. Com isso, ela vai ao abate com melhor qualidade microbiológica. Já o frango caipira tem uma grande quantidade de salmonela, que é um problema mundial e causa diarreias terríveis. Há quatro anos, a legislação da França baniu o uso de antibióticos e o que está acontecendo agora? Está gastando mais nos remédios porque faz o uso em fases, ao invés de usar o período todo. Por exemplo, usa durante duas semanas e para, depois retorna e acaba usando em grandes doses. Por que os franceses estão fazendo isso? Porque começaram e o mercado passou a ser abastecido com muitas carcaças contaminadas com salmonela, inclusive há dois anos até um ministro da Agricultura foi demitido por causa do problema. O antibiótico melhora a qualidade da carne, livrando da contaminação.

Qual a legislação seguida pelo Brasil?

O Brasil tem uma legislação que segue o Codex alimentar e foi feito junto com a Organização Mundial da Saúde. As nossas exigências para o uso de substâncias em ração animal são muitos maiores do que as da Europa e Estados Unidos. Por exemplo, há uma série de produtos que são liberados nesse país, mas nós não usamos

porque somos o maior exportador de carne de frango no mundo.

Como nós podemos despertar o interesse do consumidor brasileiro para não gerar essa falta de informação em relação à produção dos alimentos?

A falta de informações e as informações da mídia desprovidas de cientificidade é o grande problema. O ser humano busca sempre o melhor para si. Neste sentido, as pessoas têm preocupações com a sua saúde e não conseguem filtrar o que é verdade e o que é mentira, normalmente informada por desabilitados. A produção de alimentos de origem animal segue normas que contribuem para ofertar produtos inócuos e de alta qualidade nutricional. O que existe são exageros de consumos. As carnes são exemplo disso. Em uma churrascaria rodízio, se ingere não menos do que 500 g de carnes em geral. Isso é cruel para o organismo, que tem que digerir e metabolizar excessos. Assim, é preciso informar a todas as pessoas que o excesso de qualquer coisa, inclusive água, pode levar ao óbito ou afetar de morte o organismo. Uma das principais causas de câncer colorretal é devido a excesso de indol e escatol, dois gases que são gerados principalmente do excesso de ingestão de carnes em geral. Acrescentando, quanto mais educada a pessoa que ingere muita proteína animal, mais tempo desses gases estarão afetando as células colo-retais e isso contribui para o desenvolvimento do problema. Assim, soltar e não prender seria mais adequado, evitando o processo apenas quando estiver em um elevador, por exemplo.

O programa Com mais de duas décadas de tradição em jornalismo participativo, o programa Roda Viva recebe um convidado por semana para discutir diversos assuntos: política, economia, cultura, entre outros. O programa é apresentado toda segunda-feira às 22h, com reprise na madrugada de sexta-feira, às 12h30min, pela TV Cultura de São Paulo.

Novo celeiro do

**Editorial de “O Estado de São Paulo” – 21.07.2012*

Há tempo destacada, a participação do Brasil na produção mundial de alimentos deverá ser ainda maior nos próximos anos. O Brasil integra um pequeno grupo de países produtores agrícolas - do qual fazem parte Rússia, Ucrânia, China, Indonésia e Tailândia – que responderá pela maior parte da produção adicional necessária para alimentar a população mundial até 2050. Até lá, de acordo com projeções da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), para atender à demanda, a produção mundial terá de crescer 60%. Nos próximos anos, outros países em desenvolvimento deverão se integrar a esse grupo, mas será cada vez menor a contribuição dos países industrializados para prover o alimento adicional de que o mundo necessitará no futuro.

Para evitar a fome no mundo, na metade deste século, a produção anual de cereais deverá ser 1 bilhão de toneladas maior do que a registrada em 2007 e a de carne precisará aumentar 200 milhões de toneladas. O relatório das duas organizações

internacionais, com as projeções para a produção agrícola entre 2012 e 2021 – e que estende algumas delas para 2050 –, leva em conta o crescimento da população mundial, do índice de urbanização e do nível médio de renda no período.

Um dado preocupante do estudo é a redução do ritmo do crescimento anual da produção agrícola mundial, que alcançou 2% nas últimas décadas, mas deverá cair para 1,7% nas próximas. Ainda assim, será um crescimento maior do que o previsto para a população mundial, razão pela qual a produção por habitante continuará crescendo ao ritmo de 0,7% ao ano, estimam a OCDE e a FAO.

Na próxima década, o Brasil deverá registrar o maior crescimento de produção agrícola em todo o planeta. Até 2019, segundo o estudo, a produção brasileira deverá crescer 40%, bem mais do que o aumento estimado para a produção da Rússia, da Ucrânia, da China e da Índia.

Embora com resultados inferiores aos do Brasil, outros países da América do Sul também aumentarão de maneira expressiva sua produção. Desse

Para evitar a fome no mundo, na metade deste século, a produção anual de cereais deverá ser 1 bilhão de toneladas maior do que a registrada em 2007



mun

Há tempo destacada, a participação do Brasil na produção mundial será maior nos próximos anos

modo, como observou o diretor-geral da FAO, José Graziano da Silva, “a América do Sul está se convertendo em um grande celeiro” do mundo.

Estudo anterior da OCDE, divulgado no início do ano, mostrou com clareza a evolução da agricultura brasileira da segunda metade do século passado até hoje, destacando o expressivo aumento da produtividade, sobretudo a partir de 1970. Entre 1961 e 2007, enquanto a produtividade de países industrializados como França, Inglaterra e Estados Unidos aumentou menos do que a média mundial do período, de 1,48% ao ano, a do Brasil cresceu 3,6% ao ano, mais do que a média da América Latina, de 2,6%, e dos países em desenvolvimento, de 1,98%.

Na última década, os ganhos alcançados por alguns países, como Rússia e Ucrânia, foram maiores do que os do Brasil, mas esses países tinham um nível de produtividade muito baixo, daí seu crescimento mais rápido no período. Outros países conhecidos por sua forte presença no comércio mundial de produtos agrícolas, como Austrália, Ca-

nadá e México, além da Coreia do Sul, ao contrário, ficaram menos eficientes.

É reconhecido o papel fundamental de alguns fatores para o aumento veloz e contínuo da produtividade agrícola no Brasil. O avanço da pesquisa liderado pela Embrapa, com o desenvolvimento de variedades mais adequadas às condições brasileiras e o emprego de técnicas mais produtivas, é um deles. O aumento das exportações, que passou a exigir mais volume e mais qualidade, a preços competitivos, é outro. Os preços internacionais igualmente contribuíram para dar mais eficiência à agricultura do País. Por fim, a nova mentalidade do produtor rural permitiu a adoção de novos métodos de gestão e gerou um conhecimento mais acurado do mercado.

Melhor estaria o campo no Brasil, e poderia aumentar ainda mais rapidamente seus resultados, se dispusesse de infraestrutura e serviços logísticos que lhe garantissem custos competitivos para levar sua produção até o porto.

Na próxima década, o Brasil deverá registrar o maior crescimento de produção agrícola em todo o planeta.



Arsenal de conhecim

O **SENAR-PR** oferece um leque de opções ao produtor e ao trabalhador rural, contribuindo para o aumento da produtividade e melhoria da renda, como para iniciar uma nova atividade. Como uma caixa de ferramentas o SENAR-PR tem uma lista – que se renova continuamente – com 247 cursos, agrupados em cinco tópicos: gestão da propriedade, áreas específicas que envolvem as cadeias produtivas do Paraná, atividades de apoio e promoção social.

“À medida que a tecnologia vai avançando vamos atualizando a grade de cursos e adequando os conteúdos. Como fizemos este ano com a criação do Núcleo de Educação à Distância, que aproxima o produtor do conhecimento, e do mais novo curso de agricultura de precisão (*),” explica Ronei Volpi, superintendente do SENAR-PR.

Além de qualificar tecnicamente o produtor em uma área específica - (agricultura, agroindústria, aquicultura, pecuária e silvicultura) os cursos do SENAR-PR também atuam no âmbito do aperfeiçoamento, da gestão da propriedade e da sucessão familiar.

O SENAR-PR está trabalhando com o foco na educação continuada do produtor (veja box). “Queremos que ele aprofunde seus conhecimentos na sua atividade que é o carro-chefe da sua propriedade e se torne um especialista, como os produtores de café em Lavrinha fizeram”, comenta Volpi.

O exemplo de Lavrinha

Um exemplo de que o agricultor pode se tornar um especialista na sua área de atuação é o grupo de 22 produtores de café do distrito de Lavrinha, município de Pinhalão (região Norte do Estado). O grupo está transformando suas propriedades, e o

Fernando Santos



SENAR-PR dá o suporte técnico para esta mudança.

Em maio de 2011, Paulo José Fransqueti, produtor de café, foi a uma reunião da Associação de Cafés Especiais do Norte do Paraná (ACENPP), em Santo Antônio da Platina, onde conheceu o processo de certificação “Fair trade” (comércio justo) para a produção de cafés especiais.

Esta certificação surgiu na década de 60 e representa uma iniciativa que congrega responsabilidade social, sustentabilidade e

entos

SENAR-PR oferece uma “caixa de ferramentas” ao produtor rural



competitividade para pequenos e médios produtores. A certificação funciona como uma cadeia, onde não apenas o produtor (na forma de cooperativa ou associação) é certificado, mas as indústrias também. Assim toda a cadeia produtiva segue as regras do comércio justo.

Valorização de mercado

Fransquetti reuniu outros produtores de Lavrinha criaram a Associação de Produtores de Cafés Especiais de Lavrinha (Apro-

cafel) e desde então cursaram 314 horas de cursos técnicos e de promoção social.

Para obter a “Fair trade”. “O mercado de cafés especiais é mais estável e o produtor é mais valorizado. É isso que buscamos, mesmo sabendo que teremos mais trabalho nas etapas de manuseio do produto”, revela Sebastião Vieira Sobrinho, produtor rural e presidente da Aprocafel.

Ele conta que os cursos provocaram a mudança de hábitos de cultivo transferidos de pai para filho. Um exemplo é a aplicação de agrotóxicos. “Com vento não se passa agrotóxico, pois se fizer é pra perder dinheiro”, conta Celso Fransquetti, ex-banqueiro, que virou produtor rural e secretário da associação.

A diferença de preço entre o café certificado e o café comum chega a 38%, enquanto uma saca de café comum está cotada no mercado internacional a R\$430,00 a do café certificado foi vendida ano passado por R\$ 595,00. Além do maior preço pago ao produtor ele recebe ainda um plus. Estes produtores vão poder contabilizar este ganho na renda após a colheita deste ano, que acontece em junho. A produtividade também deve aumentar de 38 sacas por hectare para 50 – cerca de 30% de crescimento.

Perfil Diferenciado

“Os cursos do SENAR-PR abriram a nossa cabeça. Aprendemos a organizar melhor nosso patrimônio, a cuidar da administração da propriedade. Hoje não é mais um sítio, é uma empresa rural”, comenta Paulo José Fransquetti.

Para o futuro, os produtores associados querem renovar algumas áreas de cultivo (alguns cafezais têm mais de 40 anos) e adequar a lavoura para a colheita mecanizada. “A produtividade destes pés mais antigos é de 35 sacas por hectare, enquanto que uma planta nova produz depois do quarto ano 100 sacas p/ha”, finaliza Sebastião.

“

Os cursos do SENAR-PR abriram a nossa cabeça. Aprendemos a organizar melhor nosso patrimônio, a cuidar da administração da propriedade. Hoje não é mais um sítio, é uma empresa rural.

Paulo José Fransquetti,
produtor.

”



Fotos: Fernando Santos

Quadro dos cursos do SENAR-PR feitos pelo grupo

Curso	Carga horária
Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais Café adensado	24h
Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais Café colheita manual	8h
Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais Café colheita mecanizada	8h
Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais Café podas e desbrotas	8h
Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais Café pragas e doenças	8h
Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais Café processamento/secagem	16h
Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal Café classificação – classificação por tipo de bebida	24h
Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos Atualização em costal manual	8h
Trabalhador na Segurança do Trabalho Primeiros socorros	16h
Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris – de olho na qualidade	28h
Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris Software RuralPro	24h
Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris – Negócio Certo Rural *Em parceria com o Sebrae	46h
Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris- Mercado Futuro	16h
Programa Mulher Atual	80h

Curso de Agricultura de Precisão

Entre os dias 21 a 24 de agosto o SENAR-PR promove no município da Lapa o treinamento de 15 instrutores do seu mais novo curso “Agricultura de Precisão”. O curso para os produtores terá carga horária de 24 horas com dois focos: um gerencial voltado para os proprietários e gerentes de propriedades rurais, e outros operacional, para os trabalhadores que atuarão com os equipamentos agrícolas.

Os participantes da capacitação já atuam como instrutores do SENAR-PR nas áreas de mecanização e aplicação de agrotóxicos. O novo curso estará à disposição dos agricultores em 2013.



S E M I N Á R I O

Os segredos fora da porteira

Os caminhos da comercialização dos grãos • Como gerenciar os riscos
Tendências dos preços • Mercado global e influência nas commodities agrícolas

Perspectivas para a Comercialização Agrícola da Safra 2012/2013

Pedro H. Dejneka, Consultor em Commodities e Macroeconomia – Chicago (EUA)

As Mudanças na Política Agrícola e Atuação da FAEP

Pedro Loyola, economista e coordenador do Departamento Técnico Econômico da FAEP

VEJA A AGENDA DO SEMINÁRIO EM SEU MUNICÍPIO/REGIÃO

20/08 • **Ponta Grossa** • 9h às 11h30
SALÃO NOBRE DA ACIPG

Rua Comendador Miró, 860 - Centro

20/08 • **Guarapuava** • 19h às 21h30
AUDITÓRIO DO SINDICATO RURAL

Rua Afonso Botelho 58 - Santa Cruz

21/08 • **Pato Branco** • 9h às 11h30
AUDITÓRIO DA FADEP

Rua Benjamim Borges dos Santos, 1100 - Fraron

21/08 • **Cascavel** • 19h às 21h30
AUDITÓRIO DO SINDICATO RURAL

Rua Paraná 3937 - Centro

22/08 • **Palotina** • 9h às 11h30
AUDITÓRIO DO SINDICATO RURAL

Av. Independência, 1.584 - Centro

22/08 • **Goioerê** • 19h às 21h30

ACIG (Associação Comercial Industrial De Goioerê)

Av. Mauro Mori, 415 - Jardim Lindóia

23/08 • **Maringá** • 15h às 17h30

SALÃO CENTRAL – RESTAURANTE CENTRAL

DO CHICO PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE MARINGÁ

Avenida Colombo, 2.186, Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro

24/08 • **Londrina** • 9h às 11h30

SOCIEDADE RURAL PARQUE DE EXPOSIÇÕES

NEY BRAGA – AUDITÓRIO MILTON ALCOVER

Av. Tiradentes, 6275 - Jardim Shangri-la

24/08 • **Cambará** • 19h às 21h30

ESPAÇO CULTURAL NILZA FURLAN

Av. Brasil, 1.192 - Centro

Realização

SISTEMA FAEP





Fernando Santos

Acidente de percurso

“Lei do Caminhoneiro” resultará em aumento nos fretes

Cerca de 70% do transporte do agronegócio é feito por rodovias, em cima de caminhões. A frota brasileira de caminhões é de 2,3 milhão de caminhões (Denatran-maio/2012), dos quais pouco mais de 230 mil no Paraná. Desde a semana passada os caminhoneiros estão em pé de guerra e seus usuários com pés atrás.

A categoria reage a pontos da Resolução 3658, da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), a chamada Lei do Caminhoneiro – em vigor desde junho deste ano – que limitou a jornada de trabalho a 10 horas para os contratados e a 12 horas para os autônomos. Outra exigência da lei são intervalos de 30 minutos a cada 4 horas

Principais pontos da lei

1. A jornada de trabalho e o tempo de direção devem ser registrados, seja através de diário de bordo, pa-peleta, ficha de trabalho externo, por meios eletrô-nicos, a critério do empregador.
2. É obrigação do motorista respeitar as normas de tempo de direção e de descanso.
3. É dever do motorista submeter-se a teste e a progra-ma de controle de uso de droga e de bebida alcoólica instituído pelo empregador.
4. O motorista empregado cumprirá a jornada de traba-lho prevista na Constituição: 44 horas semanais, que podem ser acrescidas de duas horas extras por dia.
5. O motorista tem direito a no mínimo uma hora de intervalo para refeição, 11 horas de repouso por dia e descanso semanal de 35 horas.
6. O tempo de espera (de carga ou descarga ou para fiscalização da carga em barreiras fiscais) cumprido fora dos horários de refeição, repouso e descanso será indenizado com base no salário-hora normal acrescido de 30%.
7. Nas viagens de longa distância (mais de 24 horas) deve ser respeitado o intervalo mínimo de 30 minu-tos para descanso a cada quatro horas ininterruptas de direção.
8. O repouso diário pode ser feito no caminhão, se tiver cabine-leito.
9. O intervalo para refeição deve ser de 1 hora.
10. É proibida a remuneração do motorista em função da distância percorrida e do tempo de viagem, inclusive mediante comissão ou oferta de outra vantagem que comprometa a segurança.
11. As normas relativas ao limite de 4 horas segui-das ao volante, meia hora no mínimo para des-cansar e 11 horas de repouso seguidas (ou 9+2) a cada 24 horas aplicam-se também aos autônomos.
12. O motorista somente iniciará viagem com duração maior que um dia (24 horas) após o cumprimento integral do intervalo de descanso de 11 horas.

(Fonte: Revista Carga Pesada)

trabalhadas e um repouso ininterrupto de 11 horas a cada 24 horas.

Na opinião dos caminhoneiros, a nova lei é benéfica, mas necessita de investimento em infraestrutura. O principal problema diz respeito aos pontos de parada para descanso, considerando que foi vetado o item da lei que previa a construção de locais para estacionamento a cada 200 km. “Não há lugares para estacionar. No posto, só podemos pa-rar se consumirmos algo e, no acostamento, podemos ser multados”, disse Sidnei Basso, caminhoneiro há 11 anos, ao jornal “Gazeta do Povo”.

Entre outras reivindicações, os caminha-neiros também solicitam a criação do Fó-rum Nacional do Transporte, a suspensão imediata da fabricação dos bitrens (compo-sições rodoviárias com nove eixos), aprova-ção do estatuto do motorista, e criação em todo o país de delegacias especializadas em combater roubos de cargas.

Na prática, as novas regras exigem uma adaptação das transportadoras, já que dimi-nuíram a produtividade do caminhão, de-mandando mais veículos e motoristas, expli-cam os empresários do setor. No caso de uma transportadora com 20 motoristas e 20 veí-culos, para se adaptar às novas regras e man-ter o rendimento, seriam necessários mais 10 caminhões e 60 funcionários, por exemplo.

Para Gilberto Antônio Cantu, presidente do Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas no Estado do Paraná (Setcepar), essas medidas vão levar a um aumento no preço do frete, com reajustes já no próximo mês. Dependendo da operação, a alta no va-lor pode chegar a 20%, considerando que a margem de lucro é pequena e as empresas não deverão absorver os novos gastos.

“Por conta das resoluções, principalmen-te do tempo de direção, teremos encareci-mento da mão de obra, que pesa bastante na equação do custo do frete. A operação que antes precisava de um motorista, preci-sará de outros dois”, explica.

“Quem são agentes beneficiados pela **Lei 12.619**?”



A economista Priscilla Biancarelli Nunes, coordenadora do Grupo ESALQ-LOG fez uma análise dos efeitos da “Lei do Caminhoneiro” sobre o transporte de commodities agrícolas.

O Grupo ESALQ-LOG, que realiza periodicamente levantamento de valores de frete de commodities agrícolas em todo o Brasil, está tentando entender, junto ao mercado, quem são os agentes que estão sendo beneficiados pela nova lei de jornada de trabalho dos motoristas (Lei 12.619).

Através de diversas consultas pudemos identificar que, no longo prazo, alguns agentes podem ser beneficiados: os motoristas, por garantirem uma jornada de trabalho mais próxima de tantas outras profissões no país e a sociedade como um todo, que terá em suas estradas profissionais mais bem preparados para dirigir veículos de grande porte, ocasionando menor número de acidentes.

No curto prazo, entretanto, ainda está difícil a visualização dos agentes beneficiados, já que o mercado de transporte não está devidamente preparado para cumprir esta nova legislação. O motorista, neste momento, terá reduções significativas em sua folha de pagamento (já que recebe grande parcela do salário por produtividade); a sociedade pode não usufruir da segurança nas estradas, já que percursos igualmente grandes precisaram ser percorridos em menor tempo, aumentando assim a velocidade média. Isso sem contar na falta de infraestrutura (locais seguros para descanso) e na falta de mão de obra e equipamentos especializados para atender a toda a demanda de transporte (que continua a mesma), embora a oferta de transporte tenha que ser reduzida significativamente com a nova lei.

Observando pela ótica econômica de quem paga o frete, nem no longo, nem no curto prazo existe ainda a concepção de ganhos. Os fretes ficarão (e já estão ficando) mais caros – tem se visto aumentos de 20 até 100% do valor do frete – e o transit time (tempo gasto no transporte) aumentará significativamente – existem rotas que levarão o triplo de tempo para serem percorridas. Mesmo

sabendo há anos do avanço da legislação trabalhista dos motoristas, as empresas embarcadoras (aquelas que contratam o serviço de transporte) não haviam previsto, para o meio do ano civil, este aumento repentino nos valores de frete, o que tem feito com que os departamentos logísticos estejam ficando muito longes de suas metas de custo.

Neste cenário caótico que se está vivenciando no momento, uma outra grande dúvida que surge é: quem é o agente da cadeia que irá pagar toda esta conta? Até o momento, entende-se que todos os agentes arcarão com uma fatia deste prejuízo, mas no longo prazo é bastante provável que o prejuízo total seja repassado ao consumidor final. Quando se trata de commodity agrícola exportada, onde não existe estrutura de mercado para repasse de custo, o reflexo imediato é a redução da competitividade do nosso produto no mercado externo. Novamente, caímos na armadilha de possuímos um dos melhores custos “dentro da porteira” e o custo logístico, mais uma vez, mostra-se um peso negativo grande da elevada parcela destinada ao custeio “fora da porteira”.

Dessa forma, ainda é bastante difícil identificar quem são os agentes beneficiados pela nova lei. Independente do momento em que a mesma irá entrar em vigor (daqui a 2 meses ou daqui 1 ano), o mercado já está se mexendo para se adaptar, o que tem causado grande pressão nas tarifas de frete. Com certeza já existe muito agente ganhando e muito agente perdendo (inclusive saindo do mercado) com esta nova legislação. A única grande certeza que temos hoje é que, mesmo com todos os problemas destacados anteriormente, a lei está aí e irá mudar nosso dia a dia no transporte de cargas – só precisamos agora validar nossos ganhos e prejuízos, correndo contra o tempo. Este é o Brasil, sempre!

ABC financia R\$ 1,5 bilhão

Agricultura de Baixo Carbono atrai produtores e PR treina agrônomos

As contratações de financiamentos registradas por meio do Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), que incentiva a adoção de boas práticas pelos agricultores brasileiros, somaram R\$ 1,5 bilhão, entre julho de 2011 e junho deste ano. Os produtores da Região Sudeste foram os que mais buscaram os recursos disponibilizados pelo Governo, com juros mais baratos, para financiar a lavoura, em um total de R\$ 611,28 milhões.

Na sequência, estão o Sul, com R\$ 401,11 milhões, e o Centro-Oeste, com R\$ 348,29 milhões. Os dados foram divulgados nessa quarta-feira, dia 25 de julho, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e referem-se à movimentação de junho. No Sudeste, São Paulo lidera o ranking dos Estados com um total de mil contratos firmados junto

às instituições financeiras e R\$ 314,22 milhões de desembolsos. Depois de São Paulo, os destaques são Minas Gerais, com R\$ 256,05 milhões, o Paraná, com R\$ 188,95 milhões de desembolsos e 849 contratos, Goiás, com R\$ 172,91 milhões e 473 contratos, e o Rio Grande do Sul, com desembolsos de R\$ 168,21 milhões e 685 contratos firmados. A avaliação das contratações do crédito agrícola é atualizada mensalmente pelo Grupo de Acompanhamento do Crédito Rural, coordenado pela Secretaria de Política Agrícola do Mapa.

O treinamento paranaense

Para melhorar o aproveitamento dos recursos destinados ao programa ABC, formou-se um verdadeiro “pool” (*) de representantes de entidades e instituições dentro do “Programa de Agricultura de Baixo Carbono”. Entre 23 de março e 14 de julho, 130 agrônomos foram capacitados em 112 horas de treinamento, nas cidades de Ponta Grossa, Guarapuava, Pato Branco, Cascavel, Marialva e Londrina.

FUNDEPEC-PR

SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINANCEIRO FINDO 30/06/2012

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS /BANCÁRIAS
	1-11	12						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A403.544,18	-	-	138.681,09	**542.225,27	-	-	-	
Setor Bovídeos	8.431.549,48	13.000,00	-	19.198.089,34	2.341.952,64	-	25.837.196,60	
Setor Suínos	2.200.137,02	1.360.000,00	-	2.037.809,70	181.518,99	-	5.416.427,73	
Setor Aves de Corte	1.271.958,15	210.000,00	-	2.016.093,20	-	-	3.498.051,35	
Setor de Equídeos	38.585,00	15.000,00	-	84.848,65	-	-	138.433,65	
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	8.449,22	-	-	14.287,83	
Setor Aves de Postura	35.102,41	2.000,00	-	104.783,16	-	-	141.885,57	
Pgto. Indenização Sacrificio Animais *	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)	
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)	
Rest. Indenização Sacrificio Animais *	-	-	141.031,00	-	-	-	141.031,00	
TOTAL	12.381.000,00	1.600.000,00	141.031,00	23.588.754,36	**542.225,27	2.664.502,63	34.968.715,30	
SALDO LÍQUIDO TOTAL							34.968.715,30	

NOTAS EXPLICATIVAS

1) Saldo em 31 de maio R\$ 35.005.408,74, saldo em 30 de junho R\$ 34.968.715,30. A redução do saldo é devido aos extratos bancários das competências abril e maio não demonstrarem a provisão para imposto de renda.

2) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio: 1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 | 3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 | 5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 | 7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 | 9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 | 11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00

3) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

4) Setor de Bovídeos (**)

a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassa mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = R\$542.225,27

Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = R\$ 542.225,27

5) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da sub-conta do Setor de Bovídeos e creditado para sub-conta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



PERDI!



Formula mágica!

Infalível para perder peso

Melhor que chá verde, lichia, ração humana, óleo de côco, activia, forno crematório, sauna, herbalife, etc. Siga as instruções:

1. Compre 5kg de arroz no mercado. Pode ser tipo 1 ou tipo 2, integral ou comum, marca a escolher.
2. Antes de ir para casa, pare para tomar uma caninha das boas, coma um torresminho de tira-gosto, e depois tome uma cerveja bem gelada no bar ou lanchonete mais próximo ao supermercado.
3. Depois de umas 3 branquinhas com os respectivos torresmos e as consequentes cervejas, vá para casa.
4. Quando chegar em casa, constate que esqueceu o pacote de arroz no bar. Pronto: você perdeu 5 kg!

Celular de 40 quilos

Por incrível que pareça, a criadora dos mecanismos que são a base do celular foi uma atriz de Hollywood: a austríaca Hedwig Kiesler (mas conhecida pelo nome artístico Hedy Lamaar), a qual estreou o clássico Sansão e Dalila (1949). Contudo, o primeiro celular só foi criado no dia 16 de outubro de 1956, pela empresa americana Ericsson e pesava cerca de 40 kg. Calcula-se que há no mundo cerca de 2 bilhões de celulares. No Brasil cerca de 250 milhões. Esse povo fala, hein?



Vida dura

Você acha teu trabalho uma chatice? É que você não sabe o que passam os guardas da Rainha da Inglaterra, no Palácio de Buckingham, em Londres. Ficam em pé por várias horas, não podem rir, falar com turistas e sempre com uniformes impecáveis. Passam várias horas antes do trabalho limpando e passando os uniformes e polindo as botas, se preparando para as várias inspeções que sofrem antes de entrar para o trabalho. Ah, sim, banheiro nem pensar. Vida dura.



OVNIS

Entre 1969 e 1972 a Força Aérea Brasileira (FAB), silenciosamente, manteve o Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (Sioani). Ao longo desse período analisou mais de 100 casos envolvendo supostas manifestações extraterrestres. No Arquivo Nacional há mais de 1,3 mil documentos produzidos pelo órgão, com textos, fotos e desenhos. Não se sabe se o ET de Varginha (MG) também foi arquivado.





Estado vegetativo

Ontem, minha esposa e eu estávamos sentados na sala, falando das muitas coisas da vida.

Falávamos de viver ou morrer. E eu lhe disse:

– Nunca me deixe viver em estado vegetativo, dependendo de uma máquina e de líquidos. Se você me vir nesse estado, desliga tudo o que me mantém vivo, ok ?

Você acredita que a cretina se levantou, desligou a televisão e jogou minha cerveja fora?

Põe tsunami nisso

A maior onda do mundo da qual se tem notícia aconteceu em 9 de julho de 1958, na baía de Lituya, no Alasca. Tudo começou quando um terremoto enorme (que atingiu entre 7,9 e 8,3 pontos na escala Richter) sacudiu a falha de Fairweather, a 13 km de onde a onda estourou e atingiu uma área de 400 mil km².

Aproximadamente 30 milhões de m³ de terra e pedras foram lançadas no mar, envoltas numa massa de água que levantou um vagalhão de 524 m de altura! A sorte é que esse desastre atingiu uma área desabitada, destruindo apenas a vegetação local.

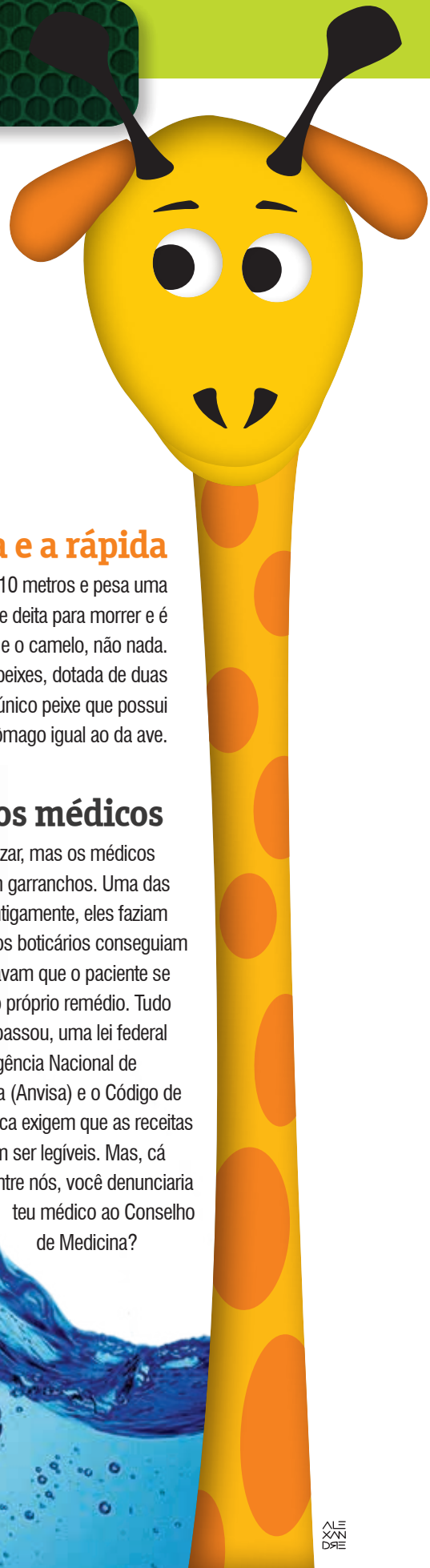


A alta e a rápida

A girafa mede de 6 a 10 metros e pesa uma tonelada. Vive em pé, só se deita para morrer e é muda. Como o lhama e o camelo, não nada. A tainha é o mais rápido dos peixes, dotada de duas nadadeiras dorsais e é o único peixe que possui estômago igual ao da ave.

Garranchos médicos

Não dá para generalizar, mas os médicos são especialistas em garranchos. Uma das teorias relata que, antigamente, eles faziam prescrições que só os boticários conseguiam decifrar. Assim, evitavam que o paciente se arriscasse fazendo o próprio remédio. Tudo bem, mas o tempo passou, uma lei federal e uma portaria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e o Código de Ética Médica exigem que as receitas devem ser legíveis. Mas, cá entre nós, você denunciaria teu médico ao Conselho de Medicina?





CURSOS

Campina da Lagoa



PDS, Leite, Agrinho e Mandioca

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa organizou vários cursos, começando pelo complemento do Programa de Desenvolvimento Sindical (PDS) com Redação Empresarial – Comunicação Escrita, nos dias 25 e 26 de junho. O instrutor foi Geraldo Xavier Silveira. Nos dias 18 e 19 de julho foi a vez do curso Derivados do Leite com a instrutora Cleidimar Rocha de Oliveira. Já no dia 20 de junho foram feitas as palestras do Programa Agrinho, na sede do sindicato em parceria com a Secretaria Municipal da Educação, para 80 professoras com a instrutora Nelcy de Freitas Carneiro. Finalmente em 21 e 22 de junho o curso Produção Artesanal de Alimentos - beneficiamento e transformação caseira de mandioca - Básico em Mandioca para 15 participantes com a instrutora Cleidimar Rocha de Oliveira.

Palotina



Gestão Rural

O Sindicato Rural Patronal de Palotina em parceria com o Colégio Agrícola Estadual Adroaldo Augusto Colombo realizou o Curso de Gestão Rural – Nível Básico para alunos do colégio. O curso teve duração de 40 horas e foi realizado na sede do sindicato, no período de 11 a 15 de junho com o instrutor Dailton Alves Moreira.

Tibagi



Posse

Foi eleita a nova diretoria do Sindicato de Rural de Tibagi no último dia 12 de julho. Foram eleitos: presidente Hilda Margriet Rabbers de Geus; Guilherme Frederico de Geus como vice-presidente; secretários João Dizoney Ramos da Silva e suplente Agérico da Anibal Carneiro Prestes. E os tesoureiros Adauto José Carneiro e Ivo Carlos Arnt Filho. O evento contou com a presença de várias autoridades e associados, além do diretor financeiro do Sistema Faep, João Luiz Rodrigues Biscaia. Esta diretoria fica no cargo até 2015.

Kaloré



Inclusão Digital

Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Inclusão Digital Avançado – 24 horas foi o curso realizado pelo Sindicato Rural de Kaloré. O curso ocorreu no período de 18 a 20 de junho, em parceria com a Prefeitura e o Centro de Referência em Assistência Social (Cras) de Kaloré. A instrutora do grupo foi Leila Müller.

Palmas



Mulher Atual

O Sindicato Rural de Palmas concluiu no dia 19 de maio mais uma turma do Programa Mulher Atual e no dia 31 de maio iniciou outra turma com 24 participantes. Os encontros vão até o dia 9 de agosto e acontecem nas quintas-feiras nas dependências do sindicato com a instrutora Ednilza Godoy Vieira.

Cornélio Procópio



Classificação de grãos, ordenhadeira, DC

Entre os cursos organizados pelo Sindicato Rural de Cornélio Procópio destaca-se: Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal classificação de grãos – milho, soja e trigo com a participação de 15 produtores e trabalhadores rurais do município de Sertaneja e região. Foi realizado nos dias 18, 19 e 20 de junho, em parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente. O instrutor do grupo foi Ricardo Almeida. No município de Leópolis o sindicato ofereceu o curso de Trabalhador na Operação e manutenção de ordenhadeira mecânica. O curso foi ministrado pelo médico-veterinário e instrutor Cristiano Leite Ribeiro. Na última semana de julho o sindicato iniciou mais uma turma com o curso Desenvolvimento Comportamental com carga horária de 128 horas. A instrutora é Antonia Silvane Effgen e é voltado para o desenvolvimento de lideranças locais..

Colorado



Apontamento da Cana-de-Açúcar

O Sindicato Rural de Colorado e a Usina Alto Alegre realizaram o Curso de Apontamento da Cana-de-Açúcar, dia 25 de abril, quando o instrutor Luiz Paulo Corso trabalhou conteúdos de Liderança, Gestão de Equipes e Competências Interpessoais. O grupo contou com a presença de 15 participantes, motivados e aptos agora a empreenderem avanços positivos em seus locais de trabalho.

Pato Branco



Mulher Atual

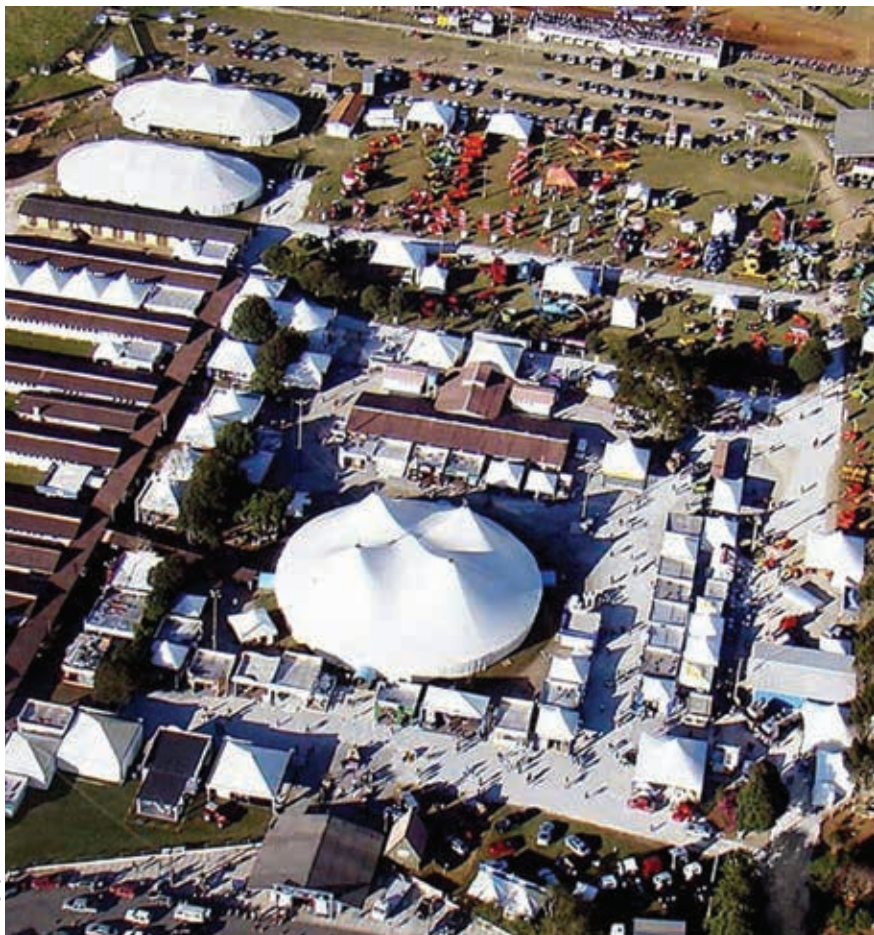
O Sindicato Rural de Pato Branco em parceria com a Prefeitura promoveu no primeiro semestre de 2012 o curso de Mulher Atual na Comunidade de Sede Gavião. O grupo com 22 mulheres teve como instrutora Mariza Acorsi. Também foi ministrado o curso de Mulher Atual, em Mariópolis, na extensão de base do sindicato, em parceria com a Prefeitura de Mariópolis. O curso teve como instrutora Ednilza Godoy Vieira.

As qualidades do **campo**

Em Curitiba, as delícias do campo. Em Castro, a tecnologia do leite



Luiz Costa/LA



Divulgação

A Feira Sabores

O Sistema FAEP e o Sebrae-PR foram mais uma vez parceiros na “13ª Feira Sabores do Paraná”, que aconteceu em Curitiba, de 25 a 29 de julho, na Expo Renault Barigui. A feira apresentou a diversidade de produtos fabricados em todas as regiões pela agroindústria do Estado. Técnicos e consultores repassaram informações sobre temas que influenciam na competitividade e visibilidade das pequenas propriedades rurais, como: embalagens, rotulagem, design de rótulos, segurança de alimentos e questões tributárias. Na próxima edição do BI serão detalhadas as técnicas de marketing e comunicação de produtos apresentadas durante a Feira.

Agroleite em Castro

Os produtores paranaenses de leite poderão visitar no período de 7 a 11 de agosto a 10ª edição do Agroleite. O evento reúne o que há de mais moderno e inovador da cadeia leiteira. Realizado pela cooperativa Castrolanda, com mote “a cadeia do leite...na terra do leite”, a feira acontece em uma área de 30 hectares no município de Castro (159 km de Curitiba), no Parque de Exposições Dario Macedo.

O visitante vai encontrar as últimas aplicações práticas da tecnologia e tendências para o segmento. Estarão presentes os principais criadores das raças holandesa, jersey, simental e pardo-suíça, órgãos governamentais e institutos de pesquisa e extensão rural, além de representantes da indústria de laticínios, insumos e equipamentos. Em paralelo ao Agroleite serão realizados diversos eventos: Seminário Internacional, Simpósios, Dias de Campo, Leilões, Torneio Leiteiro, Troféu Agroleite, Clube de Bezerras, Trekker Trek e julgamentos.



Sistema FAEP

Pensou em ITR, pensou Sindicato

No ano passado, os sindicatos rurais preencheram para associados e não associados 66 mil declarações do Imposto Territorial Rural (ITR), indispensável para a obtenção do Certidão Negativa Débito (CND). Esse documento é exigência legal para a obtenção do registro das propriedades nos cartórios e de financiamentos agrícolas. Por isso, na semana passada, o Departamento Sindical da FAEP encerrou mais um curso destinado ao preenchimento correto do ITR e do Ato Declaratório Ambiental, do Iba-ma. Já haviam ocorrido outros dois eventos semelhantes nos Centros de Treinamento Agropecuário (CTA) de Assis Chateaubriand e Ibiporã, nos dias 17/18 e 24/25 de julho. Os cursos foram ministrados pelos técnicos do Departamento Sindical Luiz Antonio Finco e Altevir Getúlio de Goes e tiveram a participação de 52 gestores sindicais em três treinamentos. Todos os 185 sindicatos rurais do Estado têm pessoal habilitado para um atendimento de qualidade aos proprietários rurais em seus locais de origem. A declaração do ITR 2012 devem ser apresentada no período de 20 de agosto a 28 de setembro de 2012.

Associação dos Sindicatos Rurais do Sudoeste

No dia 5 de julho tomou posse a nova diretoria da Associação dos Sindicatos Rurais do Sudoeste do Paraná (Assinepar), que reúne sindicatos das regionais do SENAR-PR de Pato Franco e Francisco Beltrão. O evento ocorreu em Francisco Beltrão e o mandato da diretoria irá até 2015. Foram eleitos: Presidente: Enio Pigozzo ; Vice-presidentes: Oradi Caldatto, Darci Smaniotto, Antonio Binotto, Nimésio Erthal, Aryzone Mendes de Araújo, Celso Stedili, Arceny Bocalon; Secretários: Jaimir Colognese, Airton Cuchi, Rubenei Meloto; Tesoureiros: Tadeu Squaresi Acorsi, Ari Guchelin, Mariza Mior Acorsi; Conselho Fiscal: Milton Luis Feldkircher, Modesto Camera, Reinério Weber.



Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar
 CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
 Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
 www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente

Ágide Meneguette

Vice-Presidentes

Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso

Diretores Secretários

Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech

Diretores Financeiros

João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti

Conselho Fiscal

Sebastião Olímpio Santaroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro

Delegados Representantes

Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar
 CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
 Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
 www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo

Presidente: Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos:

Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal:

Sebastião Olímpio Santaroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida

Superintendência:

Ronei Volpi



Coordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon

Editor:

Hélio Teixeira

Redação:

Angelo Binder, Hemely Cardoso, Katia Santos

Diagramação, Ilustração e Projeto Gráfico:

Alexandre Prado

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pedese citar a fonte.

“Pinga ne mim”

Ao ser indicado para a embaixada brasileira nos Estados Unidos, em 1964, Juracy Magalhães, disparou a um repórter: “O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”. Apesar de tentar explicar, a frase infeliz volta e meia retorna. Como agora, de forma inversa, se os gringos mergulharem na “mardita”.

A cachaça brasileira conseguiu o reconhecimento dos americanos como um produto genuinamente nacional. Para as indústrias da cachaça o reconhecimento pode impulsionar as exportações, que representam muito pouco – algo entre US\$ 15 milhões e 20 milhões. Esses valores podem ser multiplicados por dez, calculam os maiores produtores.

A produção nacional de cachaça é de 1,2 bilhão de litros, são 40 mil produtores e 4 mil marcas. A cachaça que vinha desembarcando na goela dos americanos levava o nome de rum brasileiro, uma espécie de “migué” nos gringos. Resta saber agora se o que é bom aos brasileiros também é para os americanos.

Água-ardente

A cachaça tem pelos menos 700 apelidos, segundo o site: www.mapadacachaca.com.br/, mas tudo começou assim:

Antigamente, no Brasil, para se fazer melado, os escravos colocavam o caldo da cana-de-açúcar em um tacho e levavam ao fogo. Não podiam parar de mexer até que uma consistência cremosa surgisse. Um dia, cansados de tanto mexer e com serviços ainda por terminar, os escravos simplesmente pararam e o melado desandou. A saída que encontraram foi guardar o melado longe das vistas do feitor.

No dia seguinte misturaram o tal melado azedo com o novo e levaram os dois ao fogo. Resultado: o ‘azedo’ do melado antigo era álcool que aos poucos foi evaporando e formou no teto do engenho umas goteiras que pingavam constantemente. Era a cachaça já formada que pingava. Daí o nome ‘PINGA’. Quando a pinga batia nas suas costas marcadas com as chibatadas dos feitores ardia muito, por isso deram o nome de ‘ÁGUA-ARDENTE’.

*(História contada no
Museu do Homem
do Nordeste).*



Foto meramente ilustrativa

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável _____